

# Carequinhos ou coleção de pequenas mortes

Piti Tomé<sup>1</sup>

---

1 Artista visual, nasceu em 1984 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Seu trabalho gira em torno da fotografia e da experimentação com a imagem. É mestranda em Processos Artísticos Contemporâneos pela UERJ e possui graduação em História da Arte pela mesma universidade. Possui graduação em cinema e ampla formação em fotografia. Realizou exposições individuais no Paço Imperial e na C. Galeria, ambos no Rio de Janeiro. Participou de diversas exposições coletivas no MAM Rio, Museu Bispo do Rosário, Blau Project SP, entre outras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ). E-mail pititome@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0507265895615366>. Rio de Janeiro, Brasil.

Diríamos que a fotografia sempre traz consigo seu referente, ambos atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão colados um ao outro, membro por membro, como o condenado acorrentado a um cadáver em certos suplícios. (BARTHES, 1984, p. 15)

A imagem física, duplo redobrado, protege-me do pior: o espetáculo desolador da putrefação. (DEBRAY, 1992, p.30)

Os trabalhos apresentados fazem parte da série *Cacarequinhos ou Coleção de pequenas mortes* na qual a artista relaciona objetos da natureza e fotografias apropriadas. Tanto os vestígios da natureza quanto as fotografias são encarados aqui como pequenas mortes.

A natureza morta, retirada de seu habitat, é índice de algo que já existiu. A casca de um tronco, agora seco, aponta para a árvore que já viveu. O retrato, índice de um momento, como toda fotografia analógica, aponta também para seu referente, o retratado. Pessoas que existiram, mas cujas imagens foram esquecidas.

Não por acaso, os retratos escolhidos são fotografias 3x4, afinal, sugerem uma relação direta com a identidade. Portanto, aqui se dá também a morte das identidades, seus aniquilamentos, seus apagamentos. O sufocamento das identidades desviantes ou inadequadas.

Assim, a artista parte da relação da fotografia com a morte, proposta por Roland Barthes, para criar o trabalho, mas indaga sobre outras possíveis leituras, refletindo sobre a morte em um amplo espectro e sobre a natureza da imagem.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.  
DEBRAY, Regis. *Vida e morte da imagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.





*Sem título*, da série *Cacarequinhos ou Coleção de pequenas mortes*, 2016  
Fotografia, pedra, cola, 12 x 13 x 6 cm



*Sem título*, da série *Cacarequinhos ou Coleção de pequenas mortes*, 2017  
Fotografia, pedra, cola, 18 x 16 x 11 cm



*Sem título*, da série *Cacarequinhos ou Coleção de pequenas mortes*, 2018  
Fotografia, pedra, cola, 7 x 8 x 4 cm





*Sem título*, da série *Cacarequinhos ou Coleção de pequenas mortes*, 2018  
Fotografia, lasca de árvore, cola, 10 x 8 x 1 cm



*Sem título*, da série *Cacarequinhos ou Coleção de pequenas mortes*, 2017  
Fotografia, lasca de árvore, cola, 8 x 15 x 3 cm





*Sem título*, da série *Cacarequinhos ou Coleção de pequenas mortes*, 2019  
Fotografia, pedra, cola, 10 x 8 x 7 cm



Recebido em 16 de abril de 2020 e aceito em 05 de junho de 2020.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

